

A IDEIA DE LUTA EM ANGELA DAVIS

Danielle Moura Lins¹

Angela Davis é multidão. Há uma simbiose entre sua particular força intelectual e seu engajamento político por justiça, igualdade e liberdade. Ela simboliza a luta coletiva contra as infinitas formas de subjugação humana, sejam as mais remotas, as atuais, ou mesmo as que estejam em latência nesta era neoliberal, pois, consoante à canção cujo trecho deu título a uma de suas obras, “a liberdade é uma luta constante”.

A força de Angela vem do povo, dos movimentos sociais, das massas. Após constar no rol das dez pessoas mais procuradas pelos Estados Unidos, ela relembra que, em sua fuga, começou a duvidar se seria possível escapar da polícia sem deixar o seu país. “Cada vez que eu considerava ir para fora, a ideia de ficar exilada em outro país por tempo indefinido era ainda mais terrível do que a de ser trancada na prisão. Ao menos ali eu estaria perto da minha gente, perto do movimento” (DAVIS, 2019, p. 32).

Nesse sentido, a filósofa resistiu em escrever “Uma autobiografia”, pois “não queria contribuir com a tendência já difundida de personalizar e individualizar a história” (DAVIS, 2019, p. 15). Encorajada por Toni Morrison e consciente da complexa dialeticidade entre o pessoal e o político, Davis aceitou o convite e escreveu sua biografia política, “enfocada no movimento de que participou e que a moldou, retratando a experiência coletiva de uma geração” (DAVIS, 2019, p. 12).

Para Angela, luta é sinônimo de coletividade, de união de forças, e, por isso, não se pode reduzi-la a um(a) único(a) herói(na). Assim como Nelson Mandela recusava-se em adotar o individualismo, “componente ideológico central do neoliberalismo”, Davis alerta que “é fundamental resistir à representação da história como o trabalho de indivíduos heróicos, de maneira que as pessoas reconheçam hoje sua potencial agência como parte de uma comunidade de luta sempre em expansão” (2018, p. 19).

Do mesmo modo, a filósofa adverte acerca da necessidade de a luta por justiça não ter como foco principal a punição do indivíduo que infringiu a lei e, tal qual Hannah Arendt

¹ Mestra em Direitos Humanos pela Universidade Tiradentes. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Alagoas. Analista Judiciária no Tribunal de Justiça de Alagoas. E-mail: danielle.mlins@gmail.com.

em “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal”, provoca a reflexão ao dizer:

“A ideologia neoliberal leva a nos concentrarmos nos indivíduos, em nós, nas vítimas individuais, nos indivíduos que cometem crimes. Mas como é possível resolver o problema maciço da violência racista do Estado apontando policiais individuais para que carreguem o peso dessa história e supor que, ao processá-los, ao impor-lhes nossa vingança, teríamos de algum modo progredido na erradicação do racismo? Não faz sentido imaginar que essas enormes manifestações de solidariedade por todo o mundo sejam centradas apenas no fato de que policiais individuais não foram processados. Não estou sugerindo que os indivíduos não devam ser responsabilizados. Cada pessoa que participa de um ato tão violento de racismo, de terror, deve responder por isso. O que estou dizendo é que temos de adotar projetos que se voltem para as condições sócio-históricas que possibilitam atos como esses”. (DAVIS, 2018, p. 125).

A adoção de projetos de luta a partir de um olhar histórico revela, na obra de Angela, que a defesa dos direitos civis nas décadas de 50 e 60 é continuação da luta pela abolição da escravidão. E se o racismo estrutural, braço forte do sistema capitalista, é hoje um dos grandes alvos da batalha de Davis contra o sistema prisional norte-americano, é certamente porque traz consigo toda a carga histórica apontada pela autora.

Conceição Evaristo, no prefácio de “A liberdade é uma luta constante”, justifica a perspicácia e sensibilidade de Davis para questões sociais através da compreensão da filósofa como “sujeito histórico socialmente atravessado pela intersecção da raça, gênero e classe” (2018) e, portanto, sua “escrevivência” – expressão cunhada pela referida escritora brasileira – perpassa para percepção crítica das pessoas e fatos durante sua vida, sendo importante destacar que Angela cresceu em Birmingham, Alabama, considerada a cidade mais segregada dos Estados Unidos (Davis, 2018, p. 107).

O seguinte trecho da autobiografia da ativista estadunidense, acerca do momento de sua prisão, retrata essa escrevivência:

“Você é Angela Davis?”, “Angela Davis?”, “Angela Davis?”. Eu não disse nada. Obviamente, eles tinham passado por cenas como aquela muitas vezes antes. Tinham ensaiado aquele momento com a prisão ilegal de muitas, talvez centenas de mulheres negras altas, de pele clara e cabelo crespo. Apenas as impressões digitais diriam se desta vez tinham prendido a verdadeira. As impressões foram comparadas. No rosto do chefe de polícia, o pânico foi substituído pelo alívio”. (DAVIS, 2019, p. 36).

Angela conta que, ao chegar à penitenciária, percebeu que não havia prisioneiras brancas. “Todas as mulheres que consegui ver eram negras ou porto-riquenhas” (DAVIS,

2019, p. 39). Ademais, durante o tempo em que permaneceu presa, ela foi colocada num “esquema de segurança máxima disfarçado de ala terapêutica”, onde conviveu com uma prisioneira com severos transtornos psicológicos, a qual, todas as noites, tinha “fantasias estranhas” em “linguajar perverso” repleto de “epítetos raciais do tipo mais vulgar” (DAVIS, 2019, p. 52).

“Como a mulher da cela ao lado da minha poderia sequer começar a ser curada se a pessoa responsável por seu tratamento psicológico não estava consciente do modo como o racismo, assim como uma praga da Antiguidade, infecta cada articulação, músculo e tecido da vida social nos Estados Unidos? Essa mulher estava apodrecendo em um covil de racismo, autoflagelando-se diariamente com sua imaginação obscena e gráfica. A fim de entender sua doença, é preciso começar pela doença da sociedade – porque foi com a sociedade que ela aprendeu tão plenamente a odiar pessoas negras”. (DAVIS, 2019, p. 54).

Nesse contexto, a batalha empreendida por Davis para ser retirada da ala psiquiátrica foi também uma luta contra o racismo estrutural e o encarceramento em massa, conceitos por ela alinhavados como interdependentes e muito trabalhados em sua obra. Seu maior medo é que “se não levarmos a sério o modo como o racismo está enraizado nas estruturas das instituições, se aceitarmos que deve haver alguém racista identificável, nunca conseguiremos erradicar o racismo” (DAVIS, 2018, p. 33).

A erradicação do racismo enquanto vírus mundialmente letal² nos campos econômico e social, bem como nos sistemas policial e de saúde, demanda um ativismo político radical permanente e consciente da ideia da continuidade de luta contra a opressão do povo negro. A militância que fez Angela vencer aquela batalha na ala psiquiátrica impulsionou-a a travar outras e a continuar firme na disseminação de seus ideais. Ela revela que, após ser transferida para outra ala:

“Uma noite, depois do trancamento das celas, uma pergunta ruidosa quebrou o silêncio. Veio de uma irmã que estava lendo um livro emprestado por mim. ‘Angela, o que significa imperialismo?’ Eu gritei: ‘A classe dominante de um país conquista o povo de outro a fim de roubar suas terras e seus recursos e explorar sua força de trabalho’. Outra voz gritou: ‘Você quer dizer tratar o povo de outros países de maneira como o povo negro é tratado aqui?’”. (DAVIS, 2019, p. 76)

² Para aprofundar sobre o racismo estrutural presente nas sociedades contemporâneas e o fortalecimento de políticas de morte, ver a obra “Necropolítica” do intelectual camaronês Achille Mbembe.

O compromisso de Angela Davis com a tomada de consciência coletiva é perene. Seus discursos plurais, não apenas contra o racismo estrutural, mas como meio de combate a todas as formas de injustiça e repressão, percorrem todo o planeta e, nos dizeres de Cornel West, “mantém as chamas da esperança acesas por todos os cantos do mundo na era fria da hegemonia neoliberal” (DAVIS, 2018, p. 14).

“Para mim, a revolução nunca foi uma ‘coisa temporária a se fazer’ antes de eu me estabilizar; não era um clube da moda com jargões recém-criados nem um novo tipo de vida social que se tornava emocionante pelo risco e pelo confronto ou glamoroso pelo figurino. Revolução é uma coisa séria, a coisa mais séria na vida de uma pessoa revolucionária. Quando alguém se compromete com a luta, deve ser para sempre. (...) A ação individual – esporádica e isolada – não é revolucionária. O trabalho revolucionário sério consiste em esforços persistentes e metódicos por meio de um coletivo de outras pessoas revolucionárias a fim de mobilizar as massas para a ação”. (DAVIS, 2018, p. 164)

A ideia de luta para Angela Davis, além de uma empreitada coletiva e constante, perpassa pelo conceito de interseccionalidade: “esforços de reflexão, análise e organização que reconhecem as interconexões entre raça, gênero, classe, sexualidade” (DAVIS, 2018, p. 33). Ela diz que quem a ajudou a entender de forma concreta a interconexão entre as lutas libertárias dos povos de todo o mundo foi um amigo indiano da faculdade, Lalit, e a inacreditável miséria de seu povo na Índia (Davis, 2019, p. 127).

Outras narrativas da autobiografia de Angela revelam seu olhar atento, aguçado e solidário para a interconexão de lutas em diversos países. Na Alemanha, notou um paralelo travado entre a opressão à comunidade judaica naquele país e a repressão ao povo negro nos EUA (Davis, 2019, p. 143). Em viagem à França, percebeu que “ser da Argélia e morar em Paris em 1962 era viver como um ser humano perseguido” e concluiu: “Os lugares novos, as experiências novas que eu esperava descobrir ao viajar acabaram se mostrando os mesmos lugares antigos, as mesmas experiências antigas, com uma mensagem comum de luta” (DAVIS, 2019, p. 129).

Ao visitar diversos países do mundo ao longo de sua vida, numa solidariedade inspiradora, Angela, percebendo a conexão das opressões classistas, sexistas e racistas, tem incansavelmente defendido a necessidade de se erguer uma união das resistências. No dia 09 de janeiro de 2015, proferiu um discurso na Turquia intitulado “Solidariedades transnacionais: resistindo ao racismo, ao genocídio e ao colonialismo de ocupação”, em que ressaltou o

potencial da luta internacional através do exemplo dos protestos ocorrido em Ferguson, no caso da morte do jovem negro Michael Brown.

“O interessante durante os protestos de Ferguson, no verão passado, foi que ativistas da Palestina perceberam, a partir das imagens que viram nas redes sociais e na televisão, que as bombas de gás lacrimogêneo que estavam sendo usadas em Ferguson eram exatamente as mesmas lançadas na Palestina ocupada. (...) Quando ativistas da Palestina reconheceram esses artefatos em Ferguson, tuitaram conselhos para as pessoas que realizavam os protestos sobre como lidar com o gás” (DAVIS, 2018, p. 127).

Quando Davis “mostra como lutas relacionadas à libertação do povo palestino podem ligar-se às lutas contra o racismo nos Estados Unidos e às lutas contra a opressão à imigração” (DIAS, 2020, p. 155), revela a conexão de lutas do ponto de vista espacial.

No artigo “A questão da opressão para Angela Davis”, a professora Maria Cristina Longo Cardoso Dias observa que essa união de lutas transnacionais deve seguir a lógica reflexa segundo a qual também as opressões estão relacionadas entre si num todo espacial (DIAS, 2020, p. 154). Como ela bem nos relembra, o raciocínio de Angela é construído a partir da percepção de que:

“(...) a empresa de segurança G4S, norte-americana, está envolvida na construção do muro que separa os Estados Unidos do México, bem como construiu o muro que separa Israel do território árabe. Além disso, é responsável pela construção e monitoramento de presídios nos EUA, pelo encarceramento político da população palestina, pelos aprisionamentos de pessoas na África do Sul (é a maior empregadora corporativa do continente africano), é responsável pela construção de escolas semelhantes a prisões nos EUA e também está envolvida em mortes de imigrantes sem documentação”. (DIAS, 2020, p. 155).

Nos dizeres de Dias (2020, p. 155), essa megacorporação estadunidense “é a personificação de como as opressões ligam-se espacialmente pelo mundo e de como as lutas deveriam conectar-se da mesma forma”. No aspecto temporal, a professora de filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) conclui que:

“A luta pela abolição da escravidão conecta-se com as lutas contra o racismo e contra o decorrente encarceramento da população negra nos EUA e sua utilização como mão de obra similar à escravidão. (...) “a realidade é um todo e todas estas opressões estão relacionadas. Este todo não é apenas um todo espacial, mas também temporal”. (DIAS, 2020, p. 154/155).

A luta de Angela é pela libertação do povo negro e pelos direitos de todas as pessoas da classe trabalhadora – latino-americanas, porto-riquenhas, indígenas, asiáticas e brancas

(DAVIS, 2019, p. 354). Ela adverte que costuma ressaltar a história do povo negro em razão do espírito de resistência e protesto dos negros em todo o mundo, mas não é preciso ser palestino, ou especialista, para se envolver com a Palestina, por exemplo. Para se envolver numa luta contra determinada opressão é dispensável ser diretamente violentado por ela (Davis, 2018, p. 35).

“Quando celebramos a história negra, o objetivo principal não é representar as pessoas negras que foram pioneiras e, individualmente, romperam barreiras ao desempenhar diversos papéis nas muitas áreas historicamente fechadas às pessoas de minorias étnicas, embora seja fundamental reconhecer esse pioneirismo. Mas, antes, comemoramos a história negra, creio, porque são séculos de luta pela conquista e pela ampliação da liberdade para todas as pessoas. Assim, a história negra é verdadeiramente a história dos Estados Unidos, mas é também a história mundial” (DAVIS, 2018, p. 105).

Outro vetor fundamental para Angela na empreitada de uma mudança sistêmica é o movimento feminista de mulheres negras, pois elas têm o poder de mudar a base do capitalismo, “que se mantém vivo e forte ao encorajar o rancor, a competição e a opressão de um grupo por outro” (DAVIS, 2019, p. 119). Para Davis, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde elas se encontram”.

A ativista feminista exorta a participação de mulheres negras na luta contra toda forma de injustiça e opressão ao destacar a importância delas como sujeito coletivo da história no boicote de Montgomery, em 1955. Ela revela que, naquele episódio, o movimento social já havia se formado quando Martin Luther King, até então completamente desconhecido, foi convidado para ser o porta-voz. (Davis, 2020, p. 69).

Ressalte-se que, para Angela Davis, “o feminismo envolve muito mais do que igualdade de gênero” (2018, p. 99). Para além das categorias “mulher” e “gênero”, ela enaltece o trabalho de ativismo trans que atua na academia em “alguns dos trabalhos mais interessantes sobre abolicionismo prisional” (2018, p. 98). Na visão de Angela, a luta feminista deve “envolver a consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonialidades, às capacidades físicas, a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear” (2018, p. 99).

Em conferência intitulada “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo”, ocorrida no dia 25 de julho de 2017 na Universidade Federal da Bahia,

Angela Davis homenageou a escritora brasileira negra Carolina Maria de Jesus, autora de “Quarto de despejo”, e reconheceu que “os Estados Unidos têm muito a aprender com o feminismo negro brasileiro”, pois “muito antes do conceito de interseccionalidade ter sido utilizado”, a antropóloga baiana Lélia Gonzalez “já havia colocado em pauta a complexa relação entre raça, classe e gênero, incentivando também as conexões das comunidades negras e indígenas”.

A valorização da cultura de cada país que conhece, a utilização sensível de uma linguagem comum a todos os povos do mundo, a exposição objetiva e coesa do discurso que ressalta o poder da coletividade são armas que Angela Davis utiliza contra a violência institucional, o racismo estrutural e a exploração capitalista. Assim, raça, classe e gênero não podem ser compreendidos apenas como espaços de opressão, mas também, e principalmente, devem ser encarados como fontes de resistência.

Quando se fala em luta pela liberdade, deve-se esquecer qualquer geografia da razão. Aliás, a perspectiva emancipatória de Angela é de cunho necessariamente global, pois ninguém é uma coisa só, nem sofre unicamente um tipo específico de opressão. “Temos de nos livrar do pensamento identitário estreito se quisermos encorajar as pessoas progressistas a abraçar tais lutas como se fossem delas próprias” (DAVIS, 2018, p. 40).

O modo de produção capitalista tende a nos fazer perceber a realidade como individual e privada, quando, na verdade, estamos todas e todos inevitavelmente inter-relacionados, de modo que todos os problemas que atingem nossas vidas são fruto de certos tipos de relações sociais e, da mesma maneira, as lutas que relacionam tais problemas devem ser coletivas. (...) Devemos entender o modo de produção capitalista como o que ele é, a saber: um certo tipo de relação produtora de opressões e não apenas um conjunto de leis econômicas” (DIAS, 2020, p. 151-152).

Maria Cristina Longo Cardoso Dias chama a atenção para o fato de que “as lutas e resistências precisam erguer-se de forma conjunta para, de fato, fazer frente ao conjunto de injustiças” (2020, p. 143), ou seja, para serem potentes.

“Lutas não potentes ocorrem quando um grupo oprimido tenta deixar de ser oprimido juntando-se ao grupo opressor, por outro lado, lutas potentes ocorrem quando oprimidos e oprimidas de diversas causas unem-se e se apóiam mutuamente no conjunto dos movimentos contra-hegemônicos”. (DIAS, 2020, p. 143).

Segundo Angela Davis, para os movimentos sociais empreenderem lutas potentes, é preciso guardarem como lema o princípio de Martin Luther King de que “a injustiça em

qualquer lugar do mundo é uma ameaça à justiça em todo o mundo”, pois, ainda nas palavras de King, “todas as pessoas estão presas em uma rede inescapável de mutualidade, entrelaçadas em uma única trama do destino. O que afeta uma pessoa diretamente afeta todas indiretamente” (DAVIS, 2018, p. 66).

“É apenas quando todas as pessoas escravizadas despertam da letargia, articulam seus objetivos, escolhem suas lideranças, firmam um compromisso inquebrantável de destruir qualquer obstáculo que as possa impedir de inscrever suas visões de um novo mundo na superfície da Terra, na carne e no sangue dos homens...” (DAVIS, 2019, p. 358).

A aliança entre as pessoas de minorias étnicas e as pessoas brancas em torno de questões que envolvam o coletivo não é apenas o caminho para a produção de uma luta coletiva (DAVIS, 2019, p. 196), mas é a “única esperança de sobrevivência” da humanidade (DAVIS, 2019, p. 149).

“Bem, se demorar muito, já terei morrido’. E daí? Todas as pessoas morrem, certo? Se as pessoas que se envolveram na luta contra a escravidão – penso em figuras como Frederick Douglass, ou Ida B. Wells na luta contra os linchamentos – tivessem essa percepção individualista e bastante estreita a respeito de suas contribuições, como estaríamos hoje? Então, **nós temos de aprender a imaginar o futuro em termos que não fiquem restritos a nosso tempo de vida**” (DAVIS, 2019, p. 109, grifo nosso).

A leitura das obras de Angela Davis e o contato com os seus discursos revelam a formulação, numa linguagem acessível e inspiradora, de questionamentos e reflexões que ultrapassam as fronteiras do tempo e do espaço, assim como deve fazer a luta coletiva pregada pela ativista contra as diversas formas de opressão.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Angela Davis**: uma autobiografia. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DIAS, Maria Cristina Longo Cardoso. A questão da opressão para Angela Davis. **Revista de Filosofia**, Natal, v. 27, n. 52, jan.abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/19780>. Acesso em: 30 out. 2020.